



São Gonçalo

Boletim da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos

nº003 | julho 2021

Comunidade estrangeira em Lagos:

Lagos somos todos nós

Eco-Freguesias XXI São Gonçalo recebe distinção

Aero Clube de Lagos Pelos céus da freguesia



A beleza dos jacarandás São árvores originárias do Brasil, mas cedo se percebeu que o clima português era ótimo para elas. Falamos dos Jacarandás, árvore que, em finais de junho, tem a sua floração que anuncia a chegada do verão. É nesse momento que deixam um rasto de beleza inconfundível nas ruas do sul de Portugal, pois o calor é vital para sobreviverem e poucas resistem a norte de Lisboa. Lagos não é exceção, sobretudo na Avenida da República, local onde foi captada a imagem.

São Gonçalo

ÍNDICE

- 04 Ambiente
- 05 Serviços
- 06 **Caderno: Comunidades Estrangeiras**
- 09 Serviços Autárquicos
- 12 Comunidade Inglesa
- 14 Comunidade Alemã
- 16 Comunidade Francesa
- 18 Comunidade Italiana
- 20 Comunidade Sueca
- 22 Comunidade Romena
- 24 Comunidade Brasileira
- 26 Comunidade Indiana
- 28 Desporto: Aero Clube de Lagos
- 30 Vamos Conhecer: José António Ferreira Brak-Lamy
- 31 Património: Cais das Descobertas

EXECUTIVO



Presidente
Carlos Saúde Fernandes



Secretário
José António do Espírito Santo Nunes



Tesoureiro
José António dos Santos Guerreiro



1ª Vogal
Olga Maria Valente Fazenda



2ª Vogal
Neusa Eduarda Gonçalves Graça Rocha

Ficha Técnica

Propriedade Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos NIPC 510 837 433 **Sede (editor e redação)** Rua das Juntas de Freguesia, 12, 8600-706 Lagos **Edição** Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Diretor** Carlos Saúde Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos **Coordenação editorial e conteúdos** Miguel Sancho **Secretariado** Lurdes Messias **Paginação e Design** Francisco Espada **Periodicidade** Trimestral | Online *Publicação anotada na ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social*

Contactos

Telefone 282 763 827
Fax 282 764 637
Email geral@jfsgoncalolagos.pt
Site www.jfsgoncalolagos.pt

CENTRO DE INFORMAÇÃO AUTÁRQUICO AO CONSUMIDOR DE LAGOS (CIAC)



Serviço gratuito de apoio e informação ao consumidor
Freguesia de São Gonçalo de Lagos: Terceira sexta-feira de cada mês
Marcação prévia (9h30-13h) pelo 282 763 827



Carlos Saúde Fernandes
PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA
DE SÃO GONÇALO DE LAGOS

«Todos, de forma unânime, dizem que a nossa cidade é um dos melhores locais para se viver em todo o mundo.»

Caros Lacobrigenses,

Neste terceiro número do São Gonçalo, o último do atual mandato autárquico, abordamos nestas páginas alguns assuntos muito relevantes para a nossa freguesia e concelho.

Desde logo, damos conta do processo de recenseamento que teve lugar em todo o país e que, em São Gonçalo de Lagos, ditou o crescimento populacional da nossa freguesia, algo que me deixa muito feliz, sobretudo por saber que estamos em contraciclo com os dados nacionais.

Além dessa matéria, fazemos também menção ao facto de a nossa freguesia ter sido agraciada com a bandeira verde, após a conclusão do processo de candidatura de São Gonçalo ao projeto Eco-Freguesias, dando desta forma cumprimento a um dos objetivos da autarquia que apontava para a adaptação de métodos e procedimentos amigos do ambiente.

Por fim, o destaque maior vai para o trabalho realizado com as comunidades estrangeiras que residem entre nós. Reportando aos censos, sabemos hoje que mais de trinta por cento da população de São Gonçalo nasceu noutra país. Este dado, verdadeiramente impressionante, coloca Lagos no topo dos concelhos com mais residentes estrangeiros e faz com que tenhamos de olhar para esta matéria com muito mais cuidado e detalhe, dando importância a quem a merece.

Falámos com ingleses, alemães, italianos, franceses, romenos, brasileiros e indianos por serem as comunidades mais representativas, mas Lagos acolhe gente de quase todo o mundo. Todos, de forma unânime, dizem que a nossa cidade é um dos melhores locais para se viver em todo o mundo. Percebe-se a ideia: por aqui encontram paz, segurança, bom tempo, pouco stress, uma cidade média com bons serviços públicos e privados, além de património e cultura.

E não se pense que esta ideia nos chega da parte dos que vêm de países mais pobres. Longe disso. Estes elogios que nos chegam são ditos por pessoas que, apesar de serem naturais dos países mais desenvolvidos do mundo, como a Suécia, Canadá ou Austrália, encontram em Lagos uma qualidade de vida que não tinham nos seus locais de nascimento.

Como autarca e responsável por uma equipa que viveu este terrível período pandémico com particular intensidade, só posso ficar orgulhoso do que dizem sobre nós. Por vezes, somos demasiado críticos da nossa terra, não nos apercebendo que aqui temos tudo o que precisamos para ser felizes. Não se pense, porém, que tudo está bem e nada falta fazer. É fácil entender o que mais preocupa todos os lacobrigenses, nascidos ou não em terras algarvias: falta de habitação a preços controlados, a necessidade de um espaço verde digno de uma cidade com mais de 20 mil habitantes ou melhores serviços de saúde públicos e privados.

Sabemos tudo isso, estamos atentos e à procura das melhores soluções que, naturalmente, terão de ser encontradas no quadro da política europeia e consequente delegação de competências nas Câmaras e nas Juntas de Freguesia. Sabemos também que esta pandemia veio parar processos e abrandar muitos outros. Mas também sabemos que, o mais rapidamente possível, temos de inverter o rumo, retomar o que ficou em suspenso e continuar a trabalhar para termos uma melhor freguesia nos próximos anos.

Da minha parte, como vosso presidente, o que posso garantir é que tenho forças e vontade para continuar a lutar por todos nós.

Um abraço solidário,

Carlos Saúde Fernandes



Carlos Saúde, presidente da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos, no momento da entrega da Bandeira Verde à autarquia



ECO-FREGUESIAS XXI

São Gonçalo de Lagos distinguida com menção de prata

Empenhada em ser cada vez mais uma instituição «amiga do ambiente», a Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos avançou com a candidatura da autarquia ao projeto «Eco-Freguesias XXI». No dia 21 de junho, em Pombal (Leiria), Carlos Saúde recebeu a bandeira verde, prova da menção de prata recebida.

Iniciado em 2014, o «Eco-Freguesias XXI» é um projeto da **Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE)** que visa trabalhar com as freguesias no sentido do desenvolvimento de eco-comunidades ou comunidades sustentáveis.

Empenhada em melhorar os procedimentos ambientais da autarquia, a Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos, apoiada pela Divisão de Ambiente da Câmara Municipal, avançou com uma candidatura que foi reconhecida pela ABAE como merecedora de uma menção de prata, uma vez que cumpriu a meta de 75,70% dos objetivos propostos.

Visivelmente orgulhoso pelo feito alcançado, Carlos Saúde era um homem visivelmente feliz quando, no dia 21 de junho, em Pombal, recebeu a bandeira

verde que simboliza o prémio alcançado, tornando São Gonçalo a primeira eco-freguesia do nosso concelho: «Esta bandeira é um orgulho enorme para a freguesia e para o Executivo a que presido», referiu o autarca, adiantando ainda que «esta é a confirmação que estamos no rumo certo pois temos sempre de ser pioneiros na luta por uma freguesia mais amiga do ambiente e ecologicamente ativa».

Recorde-se que o «Eco-Freguesias XXI» enquadra-se em todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Agenda 2030, apresentando-se como uma estratégia para incrementar a sustentabilidade local, valorizando os processos de cidadania participativa e reconhecendo as

freguesias que melhor qualidade de vida oferecem aos seus habitantes.

IDENTIFICAÇÃO DE ÁRVORES AUTÓCTONES

Dando sequência à candidatura apresentada, já no Dia Mundial da Árvore (21 de março) a Junta e a Câmara Municipal de Lagos uniram esforços para realizar uma ação que passava pela colocação de placas identificativas de espécies autóctones da nossa região.

Assim, em diversos espaços públicos do chamado «Anel Verde», romanzeiras, figueiras, medronheiros, amendoeiras e alfarrobeiras, entre outras árvores, foram devidamente identificadas, a fim de dar a conhecer a flora algarvia para quem aqui vive e para quem nos visita. •



Milhares de lacobrigenses foram atendidos presencialmente ao longo dos meses de abril e maio na sede da autarquia

CENSOS 2021

Junta dá apoio à «mega-operação» nacional

Durante os meses de abril e maio decorreu, em todo o território nacional, a maior operação censitária realizada até hoje. Os «Censos 2021» foram um sucesso no nosso concelho e, para isso, muito contribuiu o trabalho realizado pela Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

Ao todo foram 33 recenseadores, quatro subcoordenadores e um coordenador da freguesia, Hugo Bento. Foi esta a equipa que levou a cabo o processo de recenseamento na nossa freguesia, cujo sucesso só foi possível pela franca adesão da população, quer a portuguesa, quer os muitos cidadãos estrangeiros que residem entre nós.

Apesar do momento sensível que o país atravessa, em virtude da pandemia da COVID-19, a verdade é que o trabalho foi desenvolvido com celeridade e eficácia, para isso muito contribuindo o facto da maior parte das respostas ter sido rececionada por via digital.

Ainda assim, para a população menos preparada para as novas tecnologias, foi vital a abertura de um gabinete na sede da Junta de Freguesia que, ao longo de quase mês e meio, prestou um apoio presencial no preenchimento dos formulários.

Ainda é cedo para conclusões e dados finais, mas pelo que o «São Gonçalo» conseguiu apurar a população da freguesia cresceu, situando-se agora acima dos 23 mil e 500 habitantes (mais 1600 pessoas face a 2011), estando em contraciclo com os dados nacionais que registam um decréscimo da população residente. •

Segurança

Polícia Municipal de Lagos inicia atividade

No início de maio, entrou em funcionamento a Polícia Municipal de Lagos. Com esta medida, foi dada resposta a uma das grandes preocupações das chamadas «forças vivas» do concelho, designadamente no que respeita ao centro histórico da cidade.

O regulamento prevê que esta nova estrutura tenha, no período de instalação, um quadro de pessoal de 26 efetivos, composto por um comandante, um graduado (Coordenador Chefe) e até 24 agentes.

O presidente da Câmara, Hugo Pereira, destacou «a importância desta medida no contexto de pandemia», sublinhando «o importante papel da Polícia Municipal em fazer cumprir as medidas de saúde pública em vigor, principalmente nesta fase de desconfinamento e de retoma da atividade económica e turística, assim como repor o respeito pelo espaço público, em especial na área do centro histórico, que será outra das prioridades de atuação».

A Polícia Municipal de Lagos tem competência territorial em todo o concelho e exercerá funções prioritariamente nos domínios da fiscalização do cumprimento dos regulamentos municipais, incidindo, nesta fase de início de atividade, na gestão do espaço público, na defesa/proteção da natureza, do ambiente e recursos cinegéticos, e na aplicação das decisões das autoridades municipais, ficando ainda a cargo da fiscalização municipal os domínios do urbanismo e da construção. •



A Polícia Municipal tem instalações provisórias nos antigos Paços do Concelho

**LAGOS** COMUNIDADES ESTRANGEIRAS

De cais de saída a porto de abrigo

Se recuássemos 500 anos na história, veríamos Lagos como o «cais de saída», ou seja, o local de onde se partia para o mundo. Cinco séculos volvidos, Lagos mudou e é muito mais um «porto de abrigo» do que um local de partida. É sobre essa gente, proveniente dos cinco continentes que escolheu esta cidade como sua, que iremos falar nesta reportagem especial. O que os moveu a escolher Lagos? Porque ficaram? Que encantos os prenderam a nós? E tencionarão ficar ou voltarão a partir? Estas e outras respostas, dadas por quem vive tudo isto na primeira pessoa, poderão ser encontradas nas próximas páginas.

Para conhecer melhor a comunidade estrangeira de Lagos fomos falar com quem os representa. Uns são líderes naturais, responsáveis por instituições estatais, associações ou igrejas. Outros são apenas referências, pessoas que são indicadas a quem chega para que a integração se faça da forma mais fácil possível. Todos eles, sem exceção, são a prova de que o amor por Lagos vai muito para além do local de nascimento ou



A comunidade estrangeira de Lagos é vital para o sucesso do turismo e prestação de serviços na cidade

de uma nacionalidade. De facto, depois de os ouvirmos, percebemos que muitos já são tão lacobrigenses como qualquer um de nós.

Para já, foquemo-nos nos números. Ainda não temos dados oficiais de 2021, já que os Censos estão em fase de conclusão, mas os valores disponibilizados pela **Pordata** em 2019 não deixam margem para dúvidas: Lagos é o quarto município do país onde a comunidade estrangeira tem mais peso (32,1%), ficando nesta lista apenas atrás de Vila do Bispo (37,4%), Albufeira (35,8%) e Odemira (33,1%). Quem fecha o «top 5» nacional é Aljezur, com 29,2%.

Não é difícil perceber que o Barlavento algarvio é um dos locais privilegiados no momento da escolha de quem decide viver em Portugal. As razões são várias e dependem sobretudo da proveniência: segurança, clima, trabalho, impostos,

qualidade de vida, beleza natural ou património surgem na linha da frente.

Em 2019, Lagos tinha 9759 estrangeiros residentes. Fazendo uma comparação com 2011, nota-se uma clara subida das comunidades inglesa, sueca, francesa, italiana, indiana e nepalesa, em contraponto com uma descida da população nascida nos PALOP's, Europa de leste e Brasil.

CRISE DA DÍVIDA SOBERANA E INCENTIVOS FISCAIS

Até 2011, o maior fluxo de estrangeiros em Lagos teve sobretudo duas origens: Reino Unido e países de língua oficial portuguesa. Se no primeiro caso o clima foi o mote para que, a partir dos anos 60, esta zona do Algarve fosse o destino preferencial para casais ingleses que iriam iniciar um novo capítulo de vida após a aposentação, já no que aos segundos diz respeito o trabalho no se-

tor turístico e da construção civil foi o móbil principal.

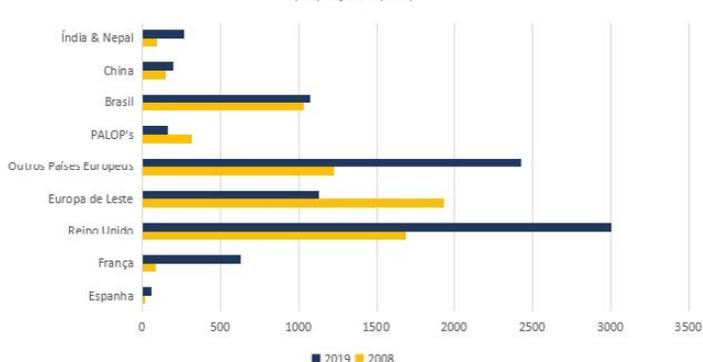
Porém, depois de 2011 o Algarve – e sobretudo a Costa Vicentina – assistiu a uma mudança radical no perfil da emigração. A crise da dívida soberana, que se abateu em Portugal e que provocou a intervenção da Troika, mudou o paradigma. O desemprego disparou e, com ele, veio a redução gradual do número de estrangeiros que procuravam esta zona como rampa de lançamento da sua vida profissional. As exceções à regra foram a comunidade indiana e nepalesa, atraídos pelo aumento dos negócios de restauração de inspiração inglesa ou pelo trabalho nas zonas rurais, nomeadamente nas estufas do sudeste alentejano e Aljezur.

Em contraponto, fruto sobretudo de políticas fiscais mais atraentes, assistiu-se a um aumento exponencial de emigração europeia, nomeadamente francesa, italiana e sueca, mas também alemãs, holandeses e nórdicos. Quanto aos ingleses, o fenómeno do Brexit teve também um efeito de alavancagem dos números, com muitos «súbditos de sua majestade» a tomarem a decisão de atravessar o Canal da Mancha de vez, ou seja, estabelecer residência numa zona que já conheciam bem, pois para a esmagadora maioria Lagos já era o destino de férias preferencial há muito tempo.

LAGOS: DO SONHO À REALIDADE

Quem é de Lagos sabe que basta olhar à sua volta para perceber o porquê do nosso concelho ser um local apetecível. O clima temperado e ameno no inverno, a beleza das praias e o calor estival,

População Estrangeira em Lagos
(comparação 2008/2019)



o património natural e edificado, a gastronomia nacional, a hospitalidade lusitana e a segurança são o melhor cartão de visita da região, tudo isto alicerçado num conjunto de equipamentos e serviços públicos que dão resposta às necessidades da população.

Se a tudo isto juntarmos a vantagem de viver numa cidade média, que tem todas as condições infraestruturais para que a vida se faça tranquilamente, mas ligada ao mundo do século XXI, encontramos um cocktail explosivo que faz de Lagos e desta zona o sonho para muita gente.

O aumento das profissões que dependem apenas de um acesso de qualidade à rede de internet, acabou por ser um outro fator decisivo para a fixação de uma população em idade ativa, algo muito evidente sobretudo durante a pandemia, onde o teletrabalho foi norma e, definitivamente, veio para ficar.

De resto, o trabalho «subterrâneo» – e por isso pouco visível mas de grande importância – que o Município fez nesta área, que visou criar sinergias a fim de dotar a cidade de toda uma rede de comunicações baseada na fibra ótica, revelou agora os seus frutos. Muitos dos que antes pensavam ser impossível mudar de local de residência, veem agora todos os problemas resolvidos apenas à distância de um... «click».

Além da vertente laboral, há ainda um outro dado importante: o investimento imobiliário. Sendo Lagos uma

das cidades com o custo da habitação mais elevado do país, para muitos essa foi a razão para investirem na compra de habitação, sabendo que o investimento terá seguramente retorno, quer na venda, quer no mercado de arrendamento.

Por fim, entre os fatores que permitiram a muitos mudarem-se de «armas e bagagens» para Lagos, não podíamos deixar de falar da vasta oferta que o comércio e serviços da cidade conseguem disponibilizar, sabendo-se que está perfeitamente adaptada a um público internacional, já que ao longo dos últimos 50 anos Lagos se modernizou, e se adaptou e criou serviços destinados ao mercado turístico que agora são muito úteis na fixação de população estrangeira.

SAÚDE E HABITAÇÃO SÃO OS MAIORES PROBLEMAS

Não havendo «bela sem senão», do outro lado da balança surgem os fatores negativos, aqueles que ainda deixam alguns reticentes no momento da decisão. Entre eles, surgem dois acima de todos os outros: a escassez de serviços de saúde pública de qualidade, especialmente adaptados a uma população de idade avançada, e o custo da habitação, muito inibidor para jovens casais em idade ativa ou imigração proveniente de outros países que não os do Norte da Europa.

No que à Saúde diz respeito, a maior necessidade sentida por todos

aponta para a urgência de um novo hospital na cidade, sendo que muitos referem também a importância do médico de família ou mais unidades privadas, capazes de dar uma resposta imediata.

Já no que concerne à Habitação, as queixas centram-se sobretudo na ausência de um mercado de arrendamento ou mesmo no mercado da compra de habitações de menor dimensão, uma vez que muitos são casais que vivem sós e não necessitam de habitações com três ou quatro divisões.

SEM ARREPENDIMENTO

Independentemente das motivações ou dos problemas sentidos, há uma palavra que parece não existir no léxico de quem escolheu Lagos como o seu «porto de abrigo»: arrependimento.

Em poucos casos a saída de Lagos se deve a uma má avaliação das condições de vida do concelho. Pelo contrário, o que muitos que partem referem é a pena que têm pela decisão tomada que, invariavelmente, tem a ver com questões pessoais (saúde, falecimento de familiares, etc.) ou pela dificuldade de encontrar trabalho especializado.

Como conclusão, podemos dizer que é unânime o desejo de viver em Lagos, independentemente do local de nascimento, seja noutros pontos de Portugal, seja no estrangeiro. Somos um povo que sabe receber e isso é perfeitamente reconhecido por quem decide fazer de Lagos a sua nova casa. •



Marina de Lagos, um dos grandes polos aglutinadores da comunidade estrangeira da região



SERVIÇOS AUTÁRQUICOS

Apoiar e esclarecer quem mais precisa

Tal como em tantas áreas de atividade, também no que diz respeito ao apoio para a integração de imigrantes as autarquias desempenham um papel vital. Quer no que concerne à emissão de documentação oficial, quer na prestação de apoio a quem dele necessita, Câmara Municipal de Lagos e Junta de Freguesia de São Gonçalo são dois pilares vitais.

Sabendo-se da importância da qualidade e celeridade dos serviços públicos no apoio a quem não o tem, a Câmara Municipal de Lagos, através do Centro Local de Apoio e Integração de Migrantes (CLAIM) tem vindo a desempenhar um papel vital no processo de acolhi-

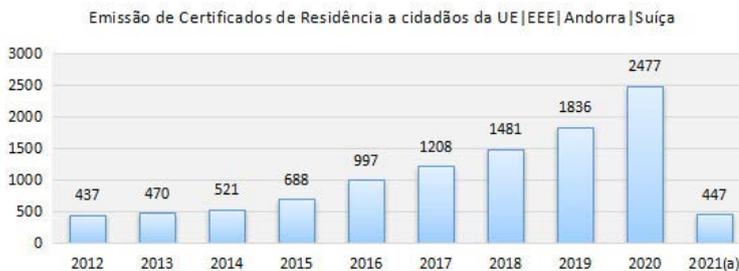
mento por parte de quem escolhe Lagos para viver.

Inaugurado em 2007, este foi o quinto gabinete do género a abrir portas no Algarve. Funciona no Edifício dos Paços do Concelho e faz parte de uma rede nacional de informação avançada e

descentralizada, ligado à Rede Nacional de Informação ao Imigrante.

É neste serviço autárquico que todos podem encontrar respostas locais articuladas ao nível das necessidades de acolhimento e integração das comunidades imigrantes, consistindo numa estrutura extremamente ágil e leve, cujo objetivo principal é informar e ajudar a resolver os problemas dos imigrantes com eficácia e humanidade.

Paralelamente ao CLAIM, também o Gabinete do Município presta relevantes serviços de apoio, não só na ótica do cidadão que deseja residir em Lagos, como também na perspetiva do investidor.



(a) Entre 01/01/2021 e 20/06/2021



Nas suas vastas competências, encerram-se algumas que têm como destinatário preferencial os cidadãos estrangeiros, como são exemplo o registo de contratos de trabalho para cidadãos provenientes de outros países, entre muitos outros como poderá ver na caixa anexa.

Para se ter uma ideia do trabalho efetuado, basta verificar os números da última década. No período compreendido entre 2012 e o primeiro semestre de 2021, foram efetuados 10562 atendimentos no Gabinete do Município, que deram origem à emissão de certificados

de residência para cidadãos da União Europeia, Espaço Económico Europeu, Principado de Andorra e Suíça.

Além do Município, que detém a esmagadora maioria das competências nesta área, também as juntas de freguesia desempenham um papel de relevo, uma vez que um dos serviços prestados, que passa pela emissão de certificados de residência, é vital para qualquer processo de legalização e autorização de estadia de longo prazo.

Nesse contexto, a Junta de Freguesia de São Gonçalo dispõe de um **Balcão Virtual**, que permite a todos acederem de forma simples e imediata aos certificados necessários, sejam eles de residência ou composição do agregado familiar, prova de vida ou mesmo de insuficiência de condição económica. •

CLAIM – Centro Local de Apoio e Integração de Migrantes

Para que serve:

- Esclarecimentos de dúvidas relacionadas com a Legalização;
- Esclarecimentos e apoio na formulação do pedido de Autorização de Residência;
- Agendamento para o SEA (Serviço de Estrangeiros e Asilo);
- Concessão de Cartão de Residência de Familiar do Cidadão da União Nacional de Estado Terceiro;
- Pedidos de Concessão de Residência com dispensa de Vistos de Residência;
- Declaração de Entrada (Quando os cidadãos estrangeiros que entrem no País por uma fronteira não sujeita a controlo, vindos de outro Estado membro, são obrigados a declarar);
- Prorrogação da Permanência;
- Reagrupamento Familiar;
- Renovação do documento de Autorização de Residência;
- Registo de Menores Estrangeiros;
- Esclarecimentos e inscrição no Programa de Retorno Voluntário;
- Esclarecimento sobre o Brexit;
- Esclarecimentos sobre a aquisição e atribuição da Nacionalidade Portuguesa;
- Apoio e esclarecimentos.

Contactos e informações:

Câmara Municipal de Lagos
Paços do Concelho,
Praça do Município – 8600-293 Lagos

Tel.: 282 771 700 / 282 780 900

Email: claii@cm-lagos.pt

Horário de funcionamento:

Atendimento Presencial:

2.ª e 4.ª feira: 14h-17h
5.ª e 6.ª feira: 9:30h-13h / 14h-17h

Atendimento Telefónico:

3.ª feira: 9h-13h / 14h-17h

Links e Outros Contactos Úteis:

Linha SOS Imigrante

– Contactos Telefónicos: 808 257 257
(Rede Fixa) / 21 810 61 91 (Rede Móvel)

Serviço de Tradução Telefónica

– Contactos Telefónicos: 808 257 257
(Rede Fixa) / 21 810 61 91 (Rede Móvel)



GABINETE DO MUNÍCIPE

Apoio a cidadãos estrangeiros

Serviços destinados exclusivamente a cidadãos estrangeiros:

ACT – Autoridade para as Condições do Trabalho:

- Registo de Contrato de Trabalhadores Estrangeiros.

Apoio ao Investimento

Espaço Empresa:

Apoio a empresários, nomeadamente a nível informativo e de atendimento digital assistido, na submissão de diversos pedidos associados às formalidades empresariais nas diversas áreas.



SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras:

- Apoio à emissão de certificados de residência para cidadãos da UE, do Espaço Económico Europeu, do Principado de Andorra e da Suíça;
- Marcação de Renovação da Autorização de Residência;
- Marcação da Prorrogação de Permanência (para cidadãos titulares de Vistos de Trânsito, Curta Duração ou Estada Temporária);
- Marcação de Renovação do Cartão de Residência (Para cidadãos da União Europeia e seus familiares);
- SAPA Sistema Automático de Pré-Agendamento de atendimento dos cidadãos que pretendam entrar, permanecer, sair ou que estejam em situação que implique afastamento do Território Nacional;
- SAPA – Manifestação de interesse.

Para informações mais detalhadas ou marcação de atendimento, os cidadãos poderão contactar através dos seguintes meios:

Tel.: 282 771 706 / 282 780 978 / 282 771 702 | **Email:** expediente.geral@cm-lagos.pt

Chat/Conversação disponível em www.cm-lagos.pt



Instale a aplicação para aceder a toda a informação sobre a nossa freguesia.



Siga-nos no facebook.

COMUNIDADE INGLESA DE LAGOS TOM HENSHAW – FUNDADOR DA REVISTA TOMORROW

«Portugal aproximou-se muito do padrão de vida europeu»

Tom Henshaw, Phil Harding e Sophie Sadler são os nomes que dão vida à revista «Tomorrow», uma das publicações mais conhecidas do barlavento algarvio. O projeto editorial, que começou por ser uma forma de unir a comunidade britânica residente na região, depressa galgou margens e assumiu-se como uma revista de todas as comunidades estrangeiras do Algarve. Fomos saber mais sobre a «Tomorrow» e sobre os britânicos que, há mais de 60 anos, descobriram o Algarve como destino de férias.



Phil Harding, Sophie Sadler e Tom Henshaw, os três rostos da revista «Tomorrow»

O Tom é uma referência para os britânicos de Lagos pela forma como a «Tomorrow» se implantou na região.

Como é que tudo começou?

Tom Henshaw (TH) – Há 22 anos vim passar férias ao Algarve e apaixonei-me por Lagos. Na verdade, continuo hoje tão apaixonado por esta cidade como no dia em que a conheci. Pensei logo em ficar de vez, porque sabia que não ia regressar ao Reino Unido. E trabalhei para isso, juntando-me primeiro ao projeto da revista «Algarve Resident», uma publicação que servia acima de tudo para ajudar

e unir a comunidade britânica que aqui vivia.

Porquê tanta certeza de que ia ficar?

TH – Porque em Lagos há todo um modo de vida diferente, onde tudo se passa maioritariamente no exterior, que é algo único. Em Inglaterra, tudo se passa dentro de alguma coisa. Depois, tudo parece mais cordial em Portugal do que em Inglaterra. Até as amizades que tenho aqui são mais intensas, profundas e abertas, se comparar com as que tinha no Reino Unido.

O que é que Lagos tem de tão especial para os ingleses?

TH – A pergunta certa é «o que é que Lagos não tem?». Bem, há uma coisa que não tem, que é um bom parque verde na cidade. À parte disso, tem tudo. Uma marina maravilhosa, boas lojas, um centro histórico lindíssimo... tem tudo! E depois há outros fatores mais difíceis de explicar, como por exemplo a ideia de que em Portugal a idade parece que conta menos do que na Grã-Bretanha.

A pergunta estende-se a todos...

Sophie Sadler (SS) – Diria que Lagos



«Lagos é uma mistura incrível de pessoas e experiências»

é uma cidade autêntica, menos turística que outras no Algarve. Parece uma cidade real, com gente real, e não algo criado para quem visita, ao contrário de outras na região. As pessoas vêm para Lagos à procura de outras coisas, como o vinho verde, o peixe fresco grelhado ou o património. Adoro a diversidade e a riqueza do povo de Lagos, seja o português, sejam os de outras comunidades. Lagos é uma mistura incrível de pessoas e experiências.

Phil Harding (PH) – Esta é uma cidade que sempre me pareceu perfeita para viver. Tenho dois filhos e sempre me senti seguro aqui. Tem praias, paisagens fabulosas, sítios incríveis para visitar e conhecer. Cheguei em 2003 e também me apaixonei à primeira vista. É uma cidade muito aberta. Aberta ao mundo, aberta a novas culturas, é uma cidade que não faz julgamentos morais porque o seu povo está, desde sempre, habituado a conviver com gente de outras partes do mundo.

Que mudou na cidade nos 20 anos em que vive cá?

TH – Quando aqui cheguei os portugueses tinham a reputação de gente quase miserável, isto visto pelo prisma de um inglês. A verdade é que, mesmo com as crises pelo meio, a recuperação dessa imagem tem sido notável por parte dos portugueses. E isso sente-se lá fora. Dá a ideia que houve mesmo uma aproximação dos portugueses aos padrões de vida do resto da Europa, mesmo que

haja muitas situações complicadas por resolver.

Falemos da «Tomorrow». O que significa para vocês este projeto?

TH – Sentimos que não é só um trabalho. Vemos a revista mais como uma missão para fazer coisas boas, ajudar pessoas, dar apoio financeiro a quem precisa e potenciar o Algarve, os algarvios e quem aqui vive. Estamos a fazer quatro eventos solidários por ano e doamos dinheiro para várias causas. Depois, damos projeção a histórias de pessoas, gente fantástica que faz coisas incríveis e que queremos contar.

Sentem-se confortados por verem os efeitos que as vossas ações causam nas pessoas?

SS – Pessoalmente sinto-me muito orgulhosa por ter conseguido ajudar pessoas da nossa comunidade, seja a nível de cuidados de saúde vitais, seja no apoio financeiro e a nível de equipamentos básicos. Os sorrisos dizem tudo e acabamos por ver em tudo isto uma forma de celebrar o Algarve e as suas gentes.

A revista tem um alcance local mas também internacional na sua versão online....

PH – A «Tomorrow» é lida um pouco por todo o mundo. Esse também é um outro objetivo da publicação: dar a conhecer um outro Algarve, muitas vezes desconhecido além-fronteiras. •

«Lagos é um local perfeito para viver e ser feliz»

Como evoluiu a comunidade britânica em Lagos?

TH – Mudou imenso. Quando cheguei, havia sobretudo pessoas mais velhas e meia dúzia de casais mais novos. Agora não: há muitas famílias relativamente jovens, cujos trabalhos são feitos online o que permite a uma pessoa trabalhar em qualquer ponto do mundo.

Nos últimos anos, em virtude do Brexit e da pandemia, a comunidade acabou por crescer ainda mais. Penso que, tal como eu, muitos não voltarão a partir, porque Lagos é um local perfeito para viver e ser feliz.

Como é que a comunidade inglesa viveu toda esta pandemia?

SS – Quem ficou em Portugal ficou feliz por estar cá e não em Inglaterra. É preferível um confinamento numa terra onde a vida se faz no exterior do que em Inglaterra, onde foi um horror. Talvez por isso muitos tenham mudado para cá neste período.

PH – As pessoas estavam preocupadas com a vacinação que estava mais lenta aqui, mas entretanto avançou. Não tem sido uma situação boa para ninguém, mas as pessoas sentiram-se mais seguras aqui. A comunidade britânica tem sentido que os portugueses respeitaram as regras e, embora as restrições não tenham sido tão estritas, a situação foi bem controlada. •





COMUNIDADE ALEMÃ DE LAGOS ALEXANDER RATHENAU – CÔNSUL DA ALEMANHA EM LAGOS

«Os alemães olham para Portugal como um exemplo»

*Alexander Rathenau é um alemão que vive nas terras do Infante desde tenra idade. Foi aqui que frequentou o ensino básico e secundário, antes de se transformar num empresário e, posteriormente, no **representante oficial da República Alemã** no Algarve. Falámos com o cônsul da Alemanha para saber mais sobre o papel do único consulado existente na cidade e como é que este diplomata vê a numerosa comunidade alemã que vive há muito entre nós.*

Como é que chegou ao Algarve?

Vim com os meus pais para o Algarve em 1982, quando o meu pai decidiu deixar a Alemanha. A ideia era mudar-mo-nos para a Nova Zelândia, mas, como era muito longe, optou pela costa vicentina, em Aljezur. Ainda hoje é em Aljezur que sinto que estou em casa. Mais tarde, por questões profissionais, acabei por me mudar para Lagos.

Entretanto chega a cônsul...

Fui convidado em virtude de um convite que me foi feito pelo Embaixador da Alemanha em Portugal. Para se ser cônsul, é preciso ter algumas características, como por exemplo conhecer bem o território e ter algum conforto económico. Como cumpria ambas as condições, acabei por ser convidado para ser Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha.

O que faz exatamente o consulado?

Do ponto de vista institucional, sou o representante oficial do país em toda a região sul de Portugal, desde o Ribatejo ao Algarve. Quanto ao consulado em si, o papel mais importante que temos passa pelo reconhecimento oficial de toda a documentação, elemento vital para os alemães que vivem em Portugal. Depois, temos ainda a possibilidade de emissão de documentos, como o passaporte, como se fosse uma conservatória ou uma loja do cidadão para os alemães.

E têm muito trabalho?

Bastante. Atendemos entre 10 a 15 pessoas por dia neste consulado, pois há muitos cidadãos alemães nesta região de Portugal. E sempre assim foi, porque este posto consular é o mais antigo de Portugal, já que existe desde 1742. Acho que este dado diz bem das excelentes



relações que sempre existiram entre a Alemanha e Portugal.

Como caracterizaria a comunidade alemã em Lagos?

Os alemães foram sempre um povo viajante que não tem grandes problemas em deixar o seu país, pois são bastante aventureiros. Temos aqui gente proveniente de toda a Alemanha e é difícil caracterizar um “alemão-tipo” que viva em Portugal.

Temos reformados, cujo objetivo da mudança esteve relacionado com uma poupança fiscal, mas também temos muitos jovens casais, que vivem sobretudo aqui no Barlavento, que escolhem Portugal como um projeto de vida alternativo, mais ligado à terra e à agricultura e que têm sido fundamentais para o povoamento de regiões muito pouco habitadas dos concelhos de Lagos, Vila do Bispo, Monchique ou Aljezur, por exemplo.

São pessoas que tencionam voltar?

Não me parece. Os alemães adoram Portugal e, normalmente, quando vêm, vêm de vez. Toda esta situação da COVID-19 veio potenciar o teletrabalho, dando outras soluções a jovens casais. Claro que as questões fiscais são importantes, mas estou convencido que, mesmo sem esses benefícios, a maioria ficará para sempre, até porque os alemães procuram muito zonas com pouca poluição, isoladas e livres da pressão dos grandes centros urbanos e esta zona é perfeita para isso.

O custo de vida mais baixo em Portugal também ajuda a essa fixação...

Ao contrário do que se pensa, os alemães não acham a vida em Portugal particularmente barata. O que é baixo aqui são os ordenados, porque de resto os preços de alguns produtos são até mais caros do que na Alemanha. Falo de supermercado, mas também de habitação ou compra de carro.

Quais as maiores dificuldades sentidas pelos alemães em Lagos?

A habitação acima de tudo, até porque nem sequer existe um mercado de arrendamento em Lagos. Pelo que chega aqui ao consulado, esse é



«Os alemães foram sempre um povo viajante que não tem grandes problemas em deixar o seu país»

o grande problema, juntamente com a questão da saúde, pois não é fácil encontrar clínicos que dominem a língua alemã e, em áreas como a saúde mental, não é fácil estabelecer uma relação próxima entre utente e médico nestas condições.

Há também a questão dos alemães mais jovens que têm um estilo de vida mais livre e que têm problemas sociais...

É verdade, mas é bom perceber que nada podemos fazer porque as pessoas são livres de fazer a vida que querem. Muitos acham que o estado alemão dá dinheiro a essas pessoas, o que não é de todo verdade. O único apoio que damos a quem está vulnerável é a verba para regressarem à Alemanha caso assim o desejem. Podemos sim é dar apoio médico e social em caso de extrema necessidade, e sempre articulado com as instituições portuguesas. Quanto a subsídios, eles só existem para quem vive na Alemanha e não quem vive fora do país.

O que sente que falta para uma maior integração da comunidade alemã?

Falta organizarmos mais atividades no sentido de fazer com que os alemães e os portugueses se conheçam ainda melhor, quer a nível da cultura, quer das tradições ou mesmo da inovação. Esse é um dos objetivos do meu trabalho: procurar mais fóruns comuns entre Portugal e a Alemanha, sobretudo relacionados com esta região. *

«Alemães e Portugueses partilham fortes valores comuns»

Como é que os alemães vêem Lagos, o Algarve e Portugal?

Os alemães adoram os portugueses porque se identificam muito com a forma de ser deste povo. Regra geral, sempre que chegam notícias de Portugal à Alemanha elas são quase sempre positivas. Curiosamente, penso que os alemães olham para Portugal como um exemplo em muitos aspetos, algo que os portugueses nem se apercebem.

E essa atração tem, na sua opinião, uma explicação?

Penso que tem a ver com o facto de ambos os povos terem valores básicos comuns, como a defesa dos direitos humanos ou a paz. Os alemães não esquecem o passado negro que os levou a duas guerras mundiais e, melhor que ninguém, sabem que o projeto europeu é vital para que a Europa não mergulhe de novo em conflitos internos. Penso que muitos olham para Portugal como um país que partilha desse mesmo desejo da construção de uma União Europeia forte, capaz de agregar povos e não abrir portas aos extremistas que querem a destruição de uma Europa unida. *

COMUNIDADE FRANCESA DE LAGOS

MARIE-DOUCE MARMOUSET | LES COPAINS DE LAGOS

«Os franceses adoram Lagos»



Marie-Douce Marmouset é portuguesa, mas foi viver para França com apenas 14 anos. Por lá casou e fez família, mas a vida desta família luso-francesa acabou por desembocar em Lagos há quase uma década. Não tenciona regressar nem voltar a partir e, para apoiar os milhares de franceses que vivem entre nós, criaram uma associação que faz a ponte com toda a comunidade francófona. Fomos saber mais sobre os falantes da língua de Vítor Hugo e Dumas.

Como surge a hipótese de regresso a Portugal depois de tantos anos em França?

Os meus pais são, tal como eu, da Beira Baixa e, desde cedo, escolheram a França como país para trabalhar. Para lá fui aos 14 anos. Casei com um francês e tivemos três filhos. Em 2011, pensámos em sair de França. Fomos viver para Bali (Indonésia), mas a verdade é que tudo era muito diferente e muito longe da Europa. Acabou por ser o meu marido que lançou a ideia de viver em Portugal, e mais particularmente em Lagos. Umas férias foram suficientes para tomar a de-

cisão. Foi amor à primeira vista, curiosamente sobretudo para o meu marido.

A comunidade francesa era bem menor nessa altura...

Vimos em 2013 e praticamente não havia franceses em Lagos. Hoje, quase 10 anos depois, a comunidade é enorme. O motivo da escolha de Lagos e Tavira como principais zonas onde se radicou a comunidade francófona deve-se ao tipo de cidade que são: média dimensão, bem ordenadas, com praias próximas e um curso de água que entra dentro da cidade, algo que os franceses gostam muito.

É fácil a um francês adaptar-se?

A língua é o maior problema, claro, mas a adaptação a todo o sistema e à sociedade não é fácil inicialmente. Apesar de ser portuguesa, tinha estado a maior parte da vida fora e viver num país enquanto criança, nada tem a ver se compararmos com um adulto. Acima de tudo, havia questões comportamentais diferentes, além das questões fiscais, de saúde ou mesmo de educação. Tivemos de ter um tempo, enquanto família, para aprender a viver em Portugal. Hoje, felizmente, estamos totalmente integrados e não pensamos voltar a partir.



Qual o papel que “Les Copains de Lagos” desempenham nessa adaptação?

A nossa associação foi formada por apenas quatro pessoas, em 2017. Ao início era apenas um grupo de amigos que se juntava para conviver e jogar Petanca. Depois, perceberam que era importante dar um apoio aos francófonos que chegavam a Lagos. Nessa altura eram muitos e, para dar apoio na vertente de tradução e apoio documental, convidaram-me a juntar-me a eles.

De então para cá, não mais pararam...

Continua a ser a única associação francófona em Lagos, apesar de haver outras no Algarve. Claro que, desde o início da pandemia, houve muitos constrangimentos para levar a cabo as suas atividades habituais, que passavam pela realização de eventos, visitas ou encontros. Após o COVID-19, o fluxo de chegadas praticamente parou, mas a Associação continua a desempenhar um papel vital na união de toda a comunidade francófona, além de desenvolver ações de cariz social de apoio aos mais desfavorecidos no nosso concelho.

Quais são os maiores problemas sentidos pela comunidade francófona?

Acima de tudo a Saúde, ou não estivessemos a falar de uma comunidade

envelhecida e mal-habituada neste campo. Em França, a Segurança Social paga tudo e, para os franceses, não faz sentido pagar por saúde, algo que não acontece em Portugal. Esse é o grande problema para a nossa comunidade e, acredito, será essa a razão – juntamente com a perda de incentivos fiscais – que fará que uma parte da comunidade regressa a França nos próximos anos.

E qual a maior surpresa pela positiva?

No meu caso em particular, foi o sistema de Educação. Ao contrário do que pensam muitos portugueses, a Educação em Portugal é muito boa e não fica atrás da francesa em nada. Foi uma grande surpresa para nós. Ainda hoje me espanto com a diversidade de opções, por exemplo a nível de desporto e das artes, que os alunos têm em Lagos.

Sempre que pensamos em franceses, pensamos na importância que dão à cultura...

Que ninguém tenha dúvidas que o património cultural e arquitetónico de Lagos é o grande chamariz dos francófonos a Lagos. Qualquer francês adora uma cidade com centro histórico como Lagos tem, acolhedora, com comércio local diversificado e onde as pessoas se sintam parte de uma comunidade pequena, mas unida. É o que sentimos aqui. •

«A Educação em Portugal é muito boa e não fica atrás da francesa em nada»

Comunidade ao RX

Fiscalidade e Segurança no topo das prioridades

As razões da escolha de um local para estabelecer residência são diversas e variam consoante a idade e o local de proveniência. No caso da comunidade francesa, Marie-Douce não tem dúvidas ao indicar as duas principais: “Sem dúvida que um dos principais motivos para esta vaga de emigração francesa para Portugal foi a questão fiscal, em virtude da alteração das regras do RNH (Residentes Não Habituais em Portugal). O outro foi a mudança que França tem assistido, a nível social, que se traduziu num aumento da sensação de insegurança, muito visível na população mais envelhecida”. E como se pode caracterizar esta comunidade? Também aqui não é difícil indicar o francófono-tipo: “Falamos de uma emigração maioritariamente de idade mais avançada, sobretudo pensionistas e reformados. Ao todo, serão cerca de 1200, segundo os dados de que dispomos, mas sabemos que só alguns têm residência fiscal em Portugal, porque só compensa para aqueles que têm rendimentos superiores. São maioritariamente uma população instruída e financeiramente muito estável ou mesmo com elevadas posses, sobretudo se compararmos com o rendimento médio português”. •

COMUNIDADE ITALIANA DE LAGOS

PIETRO E MARIA PIA MERRINO | ASSOCIAZIONE ITALIANI IN ALGARVE

«É muito fácil para um italiano sentir-se em casa no Algarve»

*A comunidade italiana em Lagos foi uma das que mais cresceu nos últimos anos. Os incentivos fiscais estiveram na base da motivação dos que chegaram primeiro, mas rapidamente se percebeu que esta cidade mais parecia um convite para que se estabelecesse uma ponte aérea entre Portugal e Itália. Falámos com Pietro e Maria Pia Merrino, responsáveis pela criação da **Associazione Italiani in Algarve**.*

Pietro é de Roma e Maria Pia de Milão. Foi o trabalho que o fez deslocar-se para o norte da península itálica e foi lá que conheceu aquela que seria a sua mulher. Viajados, correram mundo em virtude das funções que Pietro desempenhava numa multinacional da área da energia: Iraque, Argélia e África do Sul foram alguns dos países em que viveram, mas foi Portugal o escolhido como destino final.

Como surgiu a hipótese de viver em Portugal?

Corremos o mundo ao longo da vida e a escolha de um país estrangeiro para esta fase do nosso percurso sempre nos pareceu possível. Quando estávamos na Argélia, visitámos Portugal e encantámo-nos com o país e sobretudo com o povo. Em 2016 voltámos e, menos de um ano depois, mudámo-nos para Lagos.

**Quais as razões que presidiram à vossa escolha?**

Tal como a maior parte dos italianos, fomos seduzidos pelos incentivos fiscais que Portugal oferecia, nomeadamente um período de não pagamento de impostos durante uma década. Esse foi o motivo inicial, mas hoje já não é o mais importante.

O que vos continua a prender aqui? Ao contrário de outros povos, seguramente os italianos não escolhem o Algarve pelo bom tempo...

É um facto, sobretudo para quem é do

Sul, já que o Norte de Itália tem um clima mais parecido com o Norte da Europa, sobretudo no Inverno. Mas, tem razão, não é o clima que faz um italiano viver no Algarve. São outros motivos, tais como a segurança, a pacatez da vida, as cidades de média dimensão como Lagos e, acima de tudo, o povo português que sabe acolher como poucos.

O que pensa a comunidade italiana de Portugal e de Lagos em particular?

Diria que é muito fácil um italiano sentir-se em casa em Portugal e sobretudo



no Algarve. A língua ao início pode complicar e falar português não é fácil, mas entender o que os outros dizem e sobretudo ler é muito acessível. Isso ajuda muito. Para nos fazermos entender, basta falar lentamente e todos nos percebem. Lagos, por ser uma terra de turismo, ainda é melhor para a integração.

ASSOCIAÇÃO DE ITALIANOS DO ALGARVE

Qual o motivo da criação da AIA?

Acima de tudo apoiar os italianos que chegam, pois temos experiência e não queremos que outros passem pelo que nós passámos. Falo acima de tudo das questões de fiscalidade, saúde e outras questões legais, que muitas vezes são complexas para quem chega.

Têm crescido em número de sócios?

Com a COVID-19 claro que as coisas têm estado mais paradas, mas temos vindo sempre a crescer. Neste momento temos 188 sócios, a maior parte residente em Lagos, mas também outros que vivem em Portimão, Armação de Pêra, Faro ou Tavira, para dar alguns exemplos.

Que atividades organizam?

De tudo um pouco, desde palestras culturais, com foco no estudo do Império Romano nesta zona da Europa, passando por encontros mais informais para mero convívio ou sessões de esclarecimento sobre temas como a fiscalidade ou legislação portuguesa e italiana.

E ainda as questões ambientais e humanitárias...

Desempenhamos um papel importante no apoio a causas humanitárias, tal como aconteceu quando reunimos milhares de euros para doar aos bombeiros aquando dos incêndios de Monchique. Aliás, a questão ambiental é para nós muito importante e, por isso, já organizámos eventos ligados à questão dos plásticos no oceano, além de atividades lúdicas e desportivas como passeio de bicicletas em ecovias, ou limpeza de praias, por exemplo.



Considera que a vossa comunidade está totalmente integrada?

Estamos, mas ainda há um caminho a percorrer. Dou o exemplo das eleições autárquicas: temos vindo a fazer um esforço no sentido de sensibilizar todos os nossos associados para que façam o seu recenseamento e, desta forma, possam votar nas eleições locais. Se queremos fazer parte da comunidade, temos de ter um peso eleitoral.

Que relações têm com outras estrangeiros que aqui vivem?

Temos relações próximas com a comunidade francesa e temos muitos amigos ingleses, apesar de eles não terem uma associação formal.

Quais os principais problemas que a vossa comunidade sente?

Acima de tudo a saúde, pois estamos

a falar de uma comunidade com idade avançada. Penso que 99% dos italianos que vivem no Algarve são reformados, pelo que a questão da saúde é vital. Diria que a fiscalidade também pode levantar algumas questões, mas o sistema informático português é acessível e bom. Já com a Saúde, seja a pública, seja a privada (na variante dos seguros de saúde) isso sim é complexo.

Sentem-se parte do projeto Europeu ao viverem noutro país da União Europeia?

Um pouco, mas acima de tudo sentimo-nos italianos. Penso que este intercâmbio de pessoas é fundamental para que haja uma consciência europeia, mas ainda deverão passar muitos anos até que essa identidade europeia seja construída. Mas nós estamos a fazer a nossa parte. •

Cultura na base da escolha

Para um italiano, o que distingue Lagos do resto do Algarve?

Acho que é uma cidade mais humana, onde o turismo de massas focado na comunidade britânica se sente menos. Além disso, é uma cidade com muita cultura, muito património e com ligações históricas a Itália. Depois temos o centro histórico, muito parecido com muitas cidades italianas, que nos encanta de uma forma incrível.

E ainda temos a gastronomia portuguesa e a italiana que não falta na cidade...

Estes restaurantes italianos não são bem para italianos, mas sim para ingleses. Não é a mesma coisa, mas também ajuda. No nosso caso, preferimos um bom restaurante de comida portuguesa do que um italiano pensado para os ingleses. Posso mesmo dizer que, de Itália, apenas importamos o queijo parmesão, porque de resto cozinhámos com todos os produtos portugueses que encontramos no mercado. •



COMUNIDADE SUECA DE LAGOS NILS SAHLSTRÖM E SUSANNE LOTSTRÖM

«É responsabilidade da comunidade ajudar quem mais precisa»

Nils Sahlström e Susanne Lotström são dois dos rostos da comunidade sueca de Lagos. Ambos fazem parte de um grupo que, partindo de uma mera página de facebook (Food & Supplies Lagos), apoia centenas de pessoas através de instituições particulares de solidariedade social do concelho, como são exemplo o Instituto Fonte da Vida, a Igreja de Santa Maria ou a Semente de Mostarda. Fomos conhecer melhor a vida dos nórdicos pelas terras do Infante...



A comunidade sueca em Lagos – tem vindo a aumentar de ano para ano.

Quais os motivos dessa opção?

Nils Sahlström (NS) – Falo por mim, mas penso que as minhas opções foram as mesmas de muitos dos meus compatriotas. Sempre desejei viver no sul da Europa, usufruir de um clima ameno e temperado, totalmente o inverso da Suécia onde temos metade do ano sem sol. Em 2015 visitei Lagos e decidi logo mudar. Foi amor à primeira vista.

Susanne Lotström (SL) – Acho que

todos os suecos têm esse desejo de viver em climas como o do Algarve. A maior comunidade vive em Espanha, sobretudo em Maiorca, até porque os suecos têm a ideia que o Algarve é quase só para os ingleses. Para os que aqui chegam, a surpresa é grande, porque todos acham o povo português muito simpático. Talvez por isso a comunidade tenha vindo sempre a crescer.

A língua é um problema?

SL – Sim e não. Ao princípio não porque quase toda a gente fala inglês e há informação em inglês disponível, sendo que os suecos falam quase todos inglês. Porém, quando optamos por ficar de vez e procuramo-nos integrar na sociedade, chega o problema do português, que é uma língua muito difícil. Eu estudo todos os dias, mas confesso que não tem sido fácil.

Além do sol, a questão fiscal também é obviamente outro ponto de atração...

NS – Sem dúvida. Beneficiamos de um regime atrativo, pois temos isenção fiscal para quem trabalha no sector privado. Nos últimos anos tem havido um problema entre o governo português e o sueco, mas isso irá mudar em breve, pois nem nós achamos correto o não pagamento de impostos em nenhum lado. Ainda assim, penso que a questão do clima e do povo tem mais responsabilidade no crescimento da emigração sueca do que os impostos.

Como surgiu o vosso grupo de apoio à população mais carenciada?

SL – Tudo começou em junho de 2020. Estava em casa e a Marie Brönnegård, uma das fundadoras do grupo, ligou-me e disse tínhamos mesmo de fazer algu-



ma coisa, porque as pequenas lojas e os negócios familiares não podiam abrir e as pessoas estavam a adoecer.

NS – Foi nessa altura que começámos a pensar o que podíamos fazer. Num primeiro momento, juntámos dinheiro e demos à Câmara Municipal que, com essa verba, comprou máscaras e material de proteção individual. Mas nós sentimos que isso deveria fazer parte do investimento público e que o nosso dinheiro não estava a ser canalizado para os que mais precisavam. Era uma questão comunitária, e eu acho que é a responsabilidade da comunidade ajudar quem mais precisa.

Uma visão muito nórdica da vida. Por lá a sociedade civil é muito autónoma dos poderes públicos...

SL – Sem dúvida. Acima de tudo, não queríamos dar dinheiro, porque nunca se sabe muito bem para onde o dinheiro vai. Então, achámos que o melhor era comprar comida e produtos básicos.

Depois surgiu outro problema: não sabíamos a quem dar. Com a ajuda do Ricardo Fonseca, um Lacobrigense com profundas relações com a comunidade local, conseguimos identificar onde e quem ajudar. Foi assim que surgiu a relação entre o nosso grupo e três instituições locais: o Instituto Fonte da Vida, a Igreja de Santa Maria e a Semente de Mostarda.

Quantas pessoas ajudam neste momento e em que valores?

NS – São cerca de mil euros por semana que são canalizados para cestas básicas que ajudam mais de 300 pessoas de Lagos. Temos tido uma forte adesão da comunidade sueca e, em conjunto com o Intermercê de Lagos, damos um pequeno contributo neste momento tão difícil para o mundo.

A ideia é continuar ou irão parar após ultrapassarmos a pandemia?

SL – Quando começámos achámos que seria só por 3 ou 4 meses. Já passou um

«Cidade com alma»

Como se pode caracterizar a comunidade sueca de Lagos?

NS – Somos uma comunidade de gente sénior e de meia-idade, pois a esmagadora maioria são reformados, pensionistas ou pessoas que vivem de rendimentos. A maioria dos jovens suecos que vêm para Portugal optam por Lisboa ou Porto, onde é mais fácil encontrar trabalho e um modo de vida mais adaptado ao que a juventude procura.

E chegam de toda a Suécia?

SL – Sim, do Norte ao Sul. Eu sou de Estocolmo e escolhi Lagos porque não queria viver numa cidade grande nem numa aldeia. As cidades pequenas e médias, como Lagos, são o que os suecos procuram. No caso do Algarve, procuramos cidades com vida todo o ano e não apenas no verão. E Lagos tem isso tudo. É uma cidade com alma própria. •

ano e continuamos a ajudar. Acho que este grupo veio mesmo para ficar e talvez possa evoluir para outras atividades, mais focadas na comunidade sueca, logo que as restrições da pandemia acabem.

O que mais atrai os suecos em Lagos?

NL – O centro histórico, a arquitetura e esta vida tipicamente portuguesa. O que mais gostamos em Lagos é que, ao contrário de outras cidades do Algarve, ainda é autêntica pois não foi engolida por mega resorts de luxo.

Quais foram as maiores surpresas sobre Portugal?

SL – Pela positiva, diria que foi a simpatia dos portugueses, gente que mesmo não sabendo inglês tenta sempre ser prestável e ajudar. Pela negativa, diria que foi o excesso de burocracia no estado e o facto de, mesmo numa região turística como o Algarve, a documentação oficial estar toda em português e não haver pelo menos versão em inglês ou francês. •

COMUNIDADE ROMENA DE LAGOS IOAN CRISTIAN E ALEXANDRA ISTRATE

«O português é simpático, hospitaleiro e nada arrogante»



São cerca de centena e meia os romenos que vivem em Lagos e mais algumas centenas nos concelhos do barlavento. Não são muitos, é certo, mas estão perfeitamente adaptados e inseridos na nossa comunidade. Prova disso é a organização que dispõem, alicerçada na Igreja Ortodoxa Romena, que tem como base a Capela de São João Batista, localizada na entrada da cidade. É neste espaço que encontram o ponto de união, no qual se juntam habitualmente mais meia centena de pessoas da comunidade moldava falantes de língua romena.

Desde 2013 Ioan Cristian Istrate comanda os destinos da Igreja Ortodoxa Romena em Lagos. Com a sua mulher, Alexandra Istrate, fazem um trabalho de vulto a nível social e espiritual, assumindo-se como as figuras nucleares desta comunidade, depois do falecimento do fundador do culto no concelho, o padre Vasile Călin Hărșan. Mas, afinal, quem são os romenos que vivem entre nós e o que fazem? Como aqui chegaram e o que os prende? Foi isso que tentámos perceber, assim como desmistificar uma imagem errada que muitos fazem da comunidade romena em Portugal.

Como se formou esta comunidade?

Tudo começou no Sargaçal, onde o padre Călin começou a dar missa para os crentes na Igreja Ortodoxa Romena nesta zona do Algarve. Aos poucos a comunidade foi crescendo, atingindo um máximo de mais de 400 famílias aqui no Barlavento. Porém, com a crise de 2013 muitos voltaram para a Roménia ou partiram para outros países da União Europeia. Após o falecimento do padre Călin, coube-me a mim dar continuidade ao excelente trabalho realizado por ele.

Entretanto surgiu a hipótese de mudarem para a Capela de São João Batista...

Há muito boas relações entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Ortodoxa Romena. Entre os ortodoxos, somos nós que estamos mais próximos da igreja de Roma, divergindo apenas em alguns detalhes como é exemplo permitirmos que os padres constituam família, como é o meu caso. Devido a essa proximidade, foi possível utilizarmos esta bela capela para o nosso culto, tendo sido nossa responsabilidade recuperar e preservar o templo. Estamos muito felizes aqui.

Como foi a vossa chegada aqui?

Não sabíamos nada de Portugal. Estávamos completamente às escuras sobre o país e sobre o seu povo. Porém, depois de visitarmos a cidade, em apenas três semanas decidimos de vez. Hoje não pensamos regressar, mas nunca se sabe para onde a vida nos leva. O nosso filho tem 20 anos e estuda na Universidade de Évora. Tem amigos na Roménia, mas também já não tenciona partir. Gostamos muito de Portugal, principalmente de Lagos.

Qual a opinião dos romenos sobre os portugueses e acerca de Lagos?

Os romenos sentem-se muito bem aqui. O povo português é muito simpático, hospitaleiro e nada arrogante. A maior comunidade romena da Europa situa-se em Itália e na Espanha, mas todos os romenos que vivem cá e que passaram por esses países dizem que Portugal é muito melhor. Se perguntar a qualquer um dos romenos que vive em Lagos se gostaria de viver em Lisboa, tenho a certeza que todos dirão que não. Gostamos de viver em cidades pequenas ou médias, pois é essa a realidade a que estávamos habituados na Roménia. Lagos é uma cidade muito aberta, com um passado enorme de

acolhimento de gente de outros países. Isso sente-se muito.

É uma comunidade muito marcada pelo estigma dos ciganos. Ainda sentem isso?

Sentimos sim. Para os outros povos, todos os romenos são ciganos, algo profundamente errado e injusto. Por exemplo, na nossa comunidade aqui em Lagos há muito poucos ciganos e, regra geral, os poucos que existem nem sequer frequentam o nosso culto. Somos os primeiros a criticar algumas atitudes da comunidade cigana romena, nomeadamente a questão da mendicidade profissional. O nosso trabalho passa também por dar a conhecer aos portugueses que estamos juntos nessa luta, porque a imagem dos romenos acaba por ser muito prejudicada por isso.

Qual a principal atividade dos romenos em Lagos?

Construção civil, limpezas e restauração são as principais áreas de atividade onde os romenos trabalham. Falamos de gente que, do ponto de vista da formação, está um nível acima dos portugueses, mas que aqui teve de encontrar trabalho nas áreas em que os portugueses não conseguiam dar resposta. •

«Somos os primeiros a criticar algumas atitudes da comunidade cigana romena, nomeadamente a questão da mendicidade profissional»

«Uma comunidade muito unida»**Qual é o principal problema sentido pela vossa comunidade?**

A habitação. Os preços são simplesmente impossíveis em Lagos e, por isso, é muito difícil viver aqui. Acredito que, no futuro, algo terá de ser feito para que haja habitação a preços mais aceitáveis. Claro que também há a questão da língua, mas só numa fase muito inicial, porque a língua romena é de origem latina e, por isso, é fácil de perceber e de ler ao fim de pouco tempo.

O que é que a vossa Igreja tem feito no sentido de apoiar esta gente?

Somos uma igreja pequena e, por isso, os recursos são muito limitados. Apoiamos com géneros alimentares e produtos básicos quem está a passar mal e acabamos também por dar a conhecer aos que chegam algumas das regras importantes para quem quer viver em Portugal, assim como as questões fiscais e legais para quem quer ficar.

Como caracterizaria a vossa comunidade?

Somos uma comunidade muito unida e mantemos essa união com a nossa língua. Por isso fazemos questão de manter o culto em romeno e fazemos questão de apelar a que em casa os pais conversem em romeno com os filhos. •



DÊNIO ABREU – REPRESENTANTE DA COMUNIDADE BRASILEIRA

«Enorme gratidão para com os portugueses»

Cabeleireiro de profissão, Dênio Abreu estabeleceu-se em Lagos há mais de uma década. Chegou de Minas Gerais com toda a ilusão de que a chegada a Lagos poderia ser o momento de viragem da sua vida. Hoje, mesmo depois de passar uma crise económica e a atual crise pandémica, não tem dúvidas de que esta foi a melhor decisão da sua vida.



Foi entre tesouras e espelhos que encontramos Dênio Abreu, um mineiro que em 2008 assentou arraiais em Lagos a convite da sua irmã, também ela cabeleireira. Têm **ambos os salões** paredes-meias junto ao Mercado de Santo Amaro, e há muito que a comunidade brasileira vê esta família como um ponto de apoio, sobretudo nos primeiros tempos.

Falámos com o Dênio e quisemos saber muito mais, sobretudo o porquê da comunidade brasileira ver nele uma referência para o apoio à integração de quem chega.

Fale-nos um pouco de si. Porquê Lagos e Portugal?

Sou de uma pequena cidade de Minas Gerais e a situação estava muito difícil por lá. Não havia futuro. O meu cunhado tinha emigrado para Portugal e, mais tarde, a minha irmã juntou-se a ele. Depois, em 2008, convidou-me para vir tentar a minha sorte. Lagos foi a primeira cidade portuguesa que conheci e nem pensei duas vezes. Amei. Hoje, já somos quatro irmãos aqui.

Nunca houve qualquer arrependimento?

Nenhum. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Sinto uma enorme gratidão para com os portugueses, pela forma como me receberam. Alguns são como irmãos para mim, porque me estenderam a mão quando mais precisava.

Foi fácil a integração?

Lá no Brasil muitos diziam que os portugueses eram um povo rude, mas, agora que os conheço bem, não posso discordar mais. Cada povo tem formas de estar na vida meio diferentes, e nós só temos de nos adaptar.



Acha que a comunidade brasileira de Lagos também está adaptada?

Em geral, a comunidade brasileira está perfeitamente integrada em Lagos. Há uns anos foi complicado, na altura da crise de 2013, mas agora as coisas estão bem melhores. Com os anos, os portugueses começaram também a perceber melhor os brasileiros e vice-versa.

Muitos imigrantes queixam-se das condições de trabalho...

Ainda há alguns patrões que tratam os trabalhadores imigrantes com falta de respeito, mas as mentalidades estão a mudar. Acho que os portugueses perceberam que nós só queremos trabalhar e fazer pela nossa vida, e que fazemos muitas vezes o que os portugueses não querem fazer. Dou o exemplo dos CTT de Lagos ou de muitos supermercados. Estão sempre a precisar de pessoal e muitos portugueses não querem trabalhar lá. Os brasileiros, e pessoas de outros países, vieram ocupar essas vagas que não eram preenchidas.

Quais os maiores problemas sentidos nesse momento da chegada?

É quase sempre a questão da documentação, mas isso já melhorou muito desde que cheguei. Antes era tudo muito complicado e demorava uma eternidade. Hoje está bem melhor. Comecei a ajudar compatriotas meus para que não passassem aquilo pelo que eu passei.

De facto, muitos veem o Dênio como uma espécie de «solicitador informal». Como é que isso aconteceu?

As pessoas vinham aqui ao meu salão e falavam dos problemas. Comecei por ajudar com a documentação de um, depois de outros e, por fim, passavam a palavra uns aos outros, dizendo que eu sabia e podia ajudar. Depois, alguns patrões vinham aqui cortar o cabelo e diziam que precisavam de esta ou daquela pessoa e eu punha quem chegava em contacto com eles. E assim começou...

Acaba por fazer aquilo que deveria ser feito por uma Associação de Brasileiros de Lagos, algo que não existe...

É verdade. Já pensei em formar essa associação e penso que faz falta. Enquanto não acontece, continuo a dar esse apoio na base do espírito de ajuda.

Que outras mensagens passa aos seus compatriotas?

Algo muito importante que faço é apelar a que a comunidade faça o recenseamento e vote, pelo menos nas eleições autárquicas. Somos uma comunidade numerosa e, se votarmos, vamos ser ouvidos por quem comanda os destinos do país.

Imagina um dia regressar ao Brasil?

Só se for para passar férias. Para mim, será Lagos até morrer. Repare nisto: só há pouco tempo a minha cidade lá em Minas Gerais teve as ruas asfaltadas. Muitos de nós, aqui em Lagos, não temos consciência do paraíso em que vivemos. Muitos falam que se podia mudar para melhor isto ou aquilo. Lógico que sim. Pode-se sempre melhorar. Mas temos de falar a nós próprios que a cidade onde vivemos é muito boa. Tem tudo o que é preciso para alguém ser feliz. •

«Não viramos a cara à luta»

De onde veem os brasileiros que vivem em Lagos?

A comunidade é composta por gente de todo o Brasil, mas acima de tudo da região central, como Minas Gerais ou Goiás, e do Nordeste. Há poucos emigrantes do Sul ou das grandes cidades, como o Rio ou São Paulo. A maior parte da emigração vem de áreas rurais, gente do campo habituada a passar dificuldades. São pessoas duras, que não viram a cara à luta nem ao trabalho e querem dar tudo para poder ter uma vida melhor, mais decente, com paz e segurança, coisas que não têm lá no Brasil.

Todos partilham o seu amor por Lagos?

Mesmo realizando trabalhos duros, em áreas como a construção civil, jardinagem, restauração, hotelaria e limpezas, os brasileiros gostam muito de Lagos porque este é o tipo de cidade a que estamos habituados: pequena e com uma comunidade unida. Eu, por exemplo, não iria gostar de viver em Lisboa. É demasiado grande para mim. Depois, Lagos é a princesa do Algarve. Todo o mundo gosta de viver aqui. As escolas são maravilhosas e é o sítio certo para criar filhos. O problema é mesmo a habitação, que está muito cara. •



VIKAS ARORA | COMUNIDADE INDIANA

«Em Lagos podemos viver tranquilamente e sem stress»



*Vikas Arora é um empresário indiano que escolheu Lagos para viver e criar o seu negócio. Abriu o restaurante **Dehli Darbar**, junto ao Mercado Municipal da Avenida, e já não pensa voltar a partir. Para ele, Lagos é muito mais do que uma cidade de acolhimento: é a sua casa.*

Não há associações ou qualquer outra instituição que congregue as comunidades asiáticas em Lagos. Entre elas, a mais numerosa é a Indiana e a Nepalesa, dois países vizinhos que há muito são fonte de mão-de-obra para a Europa, sobretudo na área da agricultura, restauração e hotelaria.

Falámos com um dos primeiros a chegar a Lagos na última vaga de emigração asiática que chegou a Portugal no virar do século. Enquanto empresário, Vikas Arora dá emprego a uma série de compatriotas seus e conhece a comunidade indiana de Lagos como poucos.

Como surgiu a hipótese de Lagos na sua vida e porque optou por Portugal para viver?

Vivi em Inglaterra e em Singapura antes de vir para Portugal e, sinceramente, não conheço outra zona do mundo tão boa para se viver como o Algarve e, muito particularmente, a cidade de Lagos.

Uma cidade minúscula quando comparada com as grandes metrópoles indianas...

Gosto muito de cidades pequenas e médias, até porque vivia numa grande

cidade indiana no Punjab e depois em Londres e Singapura que também são enormes. Hoje percebo que é neste tipo de cidades pequenas e médias, como Lagos, que conseguimos ter melhor qualidade de vida para toda a família, com muito menos stress.

Sente-se totalmente integrado?

Completamente, até porque o mais difícil foi a língua que, neste momento, já consigo dominar um pouco e fazer-me entender, apesar de ser particularmente difícil para um indiano expressar-se corretamente em português. Mais im-



portante que isso, a minha família adora viver aqui. Lagos é a nossa casa.

Como caracterizaria a comunidade indiana nesta região?

Os indianos, tal como os nossos vizinhos do Nepal ou Sri Lanka, são pessoas tranquilas que só têm um objetivo na vida: trabalhar e dar condições de vida às suas famílias, seja as que vivem cá, seja as que ainda lá ficaram. Raramente se conhece algum tipo de conflito com portugueses ou outros povos, não só aqui como em todo o mundo.

Nos últimos tempos os portugueses despertaram para as péssimas condições de vida que os asiáticos têm, sobretudo quem trabalha na agricultura...

É verdade. Há muitos empresários sem escrúpulos que usam mão-de-obra asiática. Sabemos disso e, sempre que podemos, ajudamos quem passa por dificuldades. A questão da língua nesse campo complica tudo, porque muitos não sabem sequer onde se dirigir para pedir ajuda.

Onde se sente mais esse problema?

Regra geral isso passa-se mais nas estufas e no trabalho agrícola. Nos restaurantes indianos ou na hotelaria, os trabalhadores têm melhores condições e, quando comparadas com as que tinham na Índia, diria mesmo que são muitíssimo melhores. Todos os meus funcionários têm uma habitação condigna e nunca lhes falta alimentação, pois faço questão de os tratar com a dignidade que merecem.

Não há qualquer associação indiana nem sequer um templo hindu em Lagos. É algo que sentem falta?

Bastante. Quanto a mim, essa deveria ser a nossa prioridade, enquanto comunidade, para os próximos anos. Falta-nos um local onde nos possamos reunir, seja para rezar, seja apenas para conviver.



Acredita que pode haver mais investimento indiano em Lagos?

Penso que sim, porque a comida indiana é muito popular um pouco por todo o mundo e porque o clima do Algarve é perfeito. Portugal é um país onde, com relativamente pouco dinheiro, é possível abrir um negócio e torna-lo rentável. Claro que, com a questão da COVID-19, tudo ficou mais complicado. Muitos de nós vivemos de negócios baseados no turismo e sem turistas não há negócio. Mas acredito que em breve ultrapassaremos esta crise. •

«A minha família adora viver aqui. Lagos é a nossa casa.»

MODALIDADES DA FREGUESIA DE A A Z

AERO CLUBE DE LAGOS

Pelos céus de Lagos

Quando se pensa em clubes desportivos do concelho, raramente vem à mente o **Aero Clube de Lagos**. Poucos sabem que, além das gestão do Aeródromo Municipal Brigadeiro Costa Franco, esta coletividade promove e participa em diversas competições desportivas, que vão desde o aeromodelismo, à asa delta, sem esquecer o voo em ultraleve e balonismo.



Imbuídos no espírito de levar até ao leitor todas as sensações sentidas por visitar um aeródromo, a reportagem do «São Gonçalo» começou por ser feita nos céus de Lagos, a bordo de um ultraleve.

Difícilmente as palavras poderão descrever o que se sente quando se vê a nossa região a partir de cima. Se Lagos é bonita em terra, no ar o cenário é absolutamente incrível, maravilhoso e digno de qualquer postal ilustrado. Desde a cidade com as suas muralhas, passando pelo património natural como a ria de Alvor ou a Ponta da Piedade, o difícil é encontrar um ponto no horizonte que não nos faça abrir a boca de espanto.

Porém, as razões da criação de um Aeródromo na cidade nada tiveram a ver com turismo. Já nos anos 30 Lagos tinha uma pista de aviação, pois este era o meio

mais eficiente para transporte de urgência de pessoas ou materiais há cem anos. No entanto, essa pista sofria com as inundações que ocorriam no Inverno, pelo que em 1965 a Câmara Municipal de Lagos, presidida à época pelo Brigadeiro Costa Franco, decidiu apostar na construção de uma nova infraestrutura aeroportuária, que conta com uma pista de 560 metros

Hoje, mais de 50 anos após esse dia histórico para a aviação da região, o Aeródromo está em vias de mudar de novo de local, uma vez que se situa numa região com um riquíssimo ecossistema, o Paul de Lagos. Contudo, até que isso aconteça, é possível a prática de modalidades desportivas diferentes das demais, como são exemplo o voo em ultraleve ou o aeromodelismo e o balonismo.

Falámos com José Carmo, um homem



O aeromodelismo tem ganho muitos adeptos em Lagos



Viajar de balão pelas mãos de Helena Sá



José Carmo, um dos indefectíveis da aviação em Lagos



Vista aérea da Ponta da Piedade, captada a bordo de um ultraleve

que vibra e cujos olhos brilham sempre que se fala de aviação: «Temos cerca de 80 sócios ativos, mais 30 ligados ao aeromodelismo», começou por nos dizer. «Temos um espaço para formação, uma autêntica escola de voo, onde os alunos ao fim de três meses de aprendizagem ficam prontos para voar».

Depois da formação, seguem-se duas opções: ou o simples prazer de voar, ou a competição desportiva, sobretudo no voo de ultraleve, onde se realizam inúmeras provas, sendo que algumas delas tiveram precisamente como pano de fundo a cidade de Lagos, tuteladas pela Federação Aeronáutica Internacional.

Naturalmente que o custo da aeronave é sempre um dos maiores problemas, mas – segundo José Carmo – há formas de minimizar esta questão: «Há um grande mercado de aparelhos em segunda mão e, só para se ter uma ideia, ainda há pouco tempo vendemos um por três mil e 500

euros. Outros optam por partilhar o aparelho, de forma a minimizar o custo da parte mecânica».

A partir dos 16 anos qualquer um, desde que tenha condições para tal, pode tirar o «brevê», ou seja, a «carta de condução» para conduzir nos céus. Já no que diz respeito ao limite máximo, José Carmo é taxativo: «Não há limite. Temos sócios com mais de 80 anos que estão em plena posse das suas condições físicas e mentais e que voam sempre que podem».

Além dos ultraleves, o Aero Clube de Lagos tem ainda uma outra particularidade de muito interessante, que é o facto de ter uma das poucas balonistas Portuguesas, **Helena Sá**. Além de formadora, a balonista participa regularmente em competições internacionais, defendendo bem alto (literalmente) a bandeira nacional.

Paralelamente, Lagos tem acolhido outras competições, em ultraleves e paraquedismo e, no passado, o parapente,

AERO CLUBE DE LAGOS

Responsável do Projeto

Luis Duarte

Telefone

282 763 891

E-mail

aeroclube.lagos@gmail.com

modalidade na qual o clube foi por duas vezes campeão nacional. Nos últimos anos, com o parapente a cair em desuso, cresceram duas outras modalidades: o aeromodelismo primeiro e, mais recentemente, os drones.

Além do desporto, o Aero Clube é acima de tudo um espaço de encontro entre amantes da aviação. Com um pequeno bar de apoio, torre de controlo, hangares e oficinas, o Aero Clube é um pequeno ecossistema onde por vezes os adultos mais parecem crianças a brincar e usufruir do seu hobby favorito.

Ainda assim, é bom não esquecer que estamos a falar de uma infraestrutura importante para o turismo do concelho, uma vez que a sua localização estratégica, muito próxima do centro da cidade, é praticamente única. Talvez por isso, José Carmo entende a questão ambiental do Paul de Lagos mas tem um grande receio: «Não é fácil nesta zona encontrar um espaço alternativo, que não colida com a regulamentação ambiental e legal. Temo que, saindo daqui, possamos deixar de ter aeródromo. A solução poderá passar por um equipamento que sirva Lagos e Portimão, porque a situação da pista junto ao Hotel Penina também está em avaliação».

Não podemos saber quantos anos mais teremos aeródromo em Lagos e onde se localizará no futuro. Mas há algo que sabemos: pode-se e deve-se aproveitar enquanto durar, pois a prática desportiva é vital para o desenvolvimento humano e um passeio pelos céus de Lagos, mais do que um desejo, deveria ser uma obrigação. •

JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA BRAK-LAMY

Nome grande do liberalismo

Num número onde falamos das comunidades estrangeiras que escolheram Lagos como cidade de acolhimento, nada melhor do que falarmos de um lacobrigense ilustre que teve uma ascendência internacional: falamos de José António Brak-Lamy.



Nasceu em Lagos, no ano de 1780, filho de Brígida Maria Caetana Brak e de Miguel José Ferreira. A sua mãe era filha de um italiano, de nome Giacomo Brak, e de uma francesa, Thérèse Lamy, pelo que a família passou a usar o apelido Brak-Lamy, que se viria a tornar num dos mais famosos de Lagos.

Mostrando desde cedo ser um aluno extraordinário, José António Brak-Lamy formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, obtendo em 1801 o grau de bacharel em Leis. Após a conclusão dos estudos, ingressou na carreira da magistratura judicial, tendo sido nomeado juiz corregedor da comarca de Guimarães e, posteriormente, juiz desembargador do Tribunal da Relação do Porto, dos Açores e de Lisboa.

Adepto entusiasta da causa liberal, foi nomeado em 1831 ministro e secretário de estado dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, da Justiça do Reino, da Fazenda e dos Estrangeiros. Foi também eleito deputado às Cortes, pelo círculo

do Algarve, para as legislaturas de 1834-1836 e de 1840-1842.

Após a conclusão da guerra civil ganha – como é sabido – pelos liberais, Brak-Lamy foi designado em 1834 conselheiro de Estado, terminando a carreira judiciária no cargo de conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Acabaria por falecer aos 66 anos em Lisboa, em 1847, sendo sepultado no Cemitério dos Prazeres.

Em Lagos, ordenou a construção de uma casa para a sua família, no Largo do Poço, posteriormente renomeado Largo Luís de Camões, prédio que foi

depois considerado um dos mais belos edifícios na cidade. Em 2001, a Câmara Municipal de Lagos decidiu atribuir o seu nome a uma rua da cidade, localizada numa zona próxima da Conservatória do Registo Civil.

Além deste legado arquitetónico deixado em plena baixa, José António Ferreira Brak-Lamy deixou-nos muito mais: um legado da importância do liberalismo, tal como era entendido no século XIX, ou seja, a luta pela igualdade e justiça, verdadeiras bandeiras liberais que ostentou com visível orgulho até à sua morte. •

PATRIMÓNIO CAIS DAS DESCOBERTAS

Local de partidas e chegadas ao longo dos séculos



Numa cidade com tanta história para contar, por vezes o património esconde-se debaixo dos nossos pés. Foi o que aconteceu com o chamado «Cais Antigo» ou «Cais das Descobertas», que em 2008 renasceu para nos contar a sua história.

Era do conhecimento público entre as gentes mais antigas de Lagos que, algures próximo do Palácio dos Governadores, havia um velho cais cuja memória se perdia no tempo. Em 2008, uma equipa de arqueólogos – com o apoio da população – trouxe à luz do dia esse património ancestral.

Depois de analisados os achados, chegou-se à conclusão que estávamos na

presença de duas estruturas diferentes, uma mais recente, que esteve em funcionamento até aos anos 40 do século XX, e uma outra do século XVII.

Além do Cais das Descobertas, os trabalhos realizados permitiram identificar duas portas de acesso à cidade, que se encontravam ilustradas na planta elaborada por Alexandre Massai no século XVII, assim como a muralha existente entre

o Palácio dos Governadores e a Messe Militar.

Num número em que falamos de gente que chega a Lagos e que aqui fica para viver, nada como recordar este importante monumento da nossa freguesia que, afinal, funcionou como porta de entrada e de saída ao longo de inúmeras gerações.

Muito da história de Lagos passou seguramente por aqui... •



CLAIM

LAGOS

CENTRO LOCAL DE APOIO
À INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES



HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Atendimento Presencial

2.ª Feira e 4.ª Feira das 14:00h às 17:00

5.ª Feira e 6.ª Feira das 9:30h às 13:00 e das 14:00h às 17:00h

Atendimento Telefónico

3.ª Feira 9:00h às 13:00 e das 14:00h às 17:00h

Câmara Municipal de Lagos

Paços do Concelho,
Praça do Município,
8600-293 Lagos

Tel.: 282 771 700 / 282 780 900

Email: claii@cm-lagos.pt

